

## Artigo Original

# Psicoeducação em Sexualidade com Alunas em Regime de Internato

Amanda Braz Ramirez<sup>1</sup>, Amanda Hamud de Aquino<sup>1</sup>, Ana Paula Schneider<sup>1</sup>, Ingrid Dayling Baez Lopez<sup>1</sup>, Vanessa Priscilla Barreto Penayo<sup>1</sup> e Maria de Fátima Soares<sup>2</sup>.

1. Acadêmicas de Psicologia, pelo Centro Universitário Uniamérica, Foz do Iguaçu, PR.

2. Psicóloga. Professora do Centro Universitário Uniamérica (Orientadora do Projeto Integrador).

*amanda29.08.58@gmail.com e vpribarreto@gmail.com*

## Palavras-chave

Adolescência  
Desenvolvimento  
Escola  
Psicoeducação  
Sexualidade

**Resumo:** Devido ao déficit das escolas em abordar o assunto “sexualidade humana” sob os aspectos psicossociais dos adolescentes e da ausência de um profissional de Psicologia na maioria das instituições, o presente artigo tem como objetivo analisar a relevância das intervenções em psicoeducação em sexualidade humana, direcionadas às alunas do colégio Manoel Moreira Penna, localizado na cidade de Foz do Iguaçu. A partir de um espaço de escuta e diálogo foram oferecidas práticas preventivas a uma média de 10 adolescentes por encontro, com atividades distribuídas em oito dias de oficinas, sendo os temas trabalhados: biologia do corpo feminino, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, DSTs, público LGBT, empoderamento feminino e valores construtivos sobre sexualidade. As ferramentas utilizadas foram dinâmicas, caixa de dúvidas, músicas, vídeos e instrumentalização de materiais diversos. Os resultados obtidos a partir da proposta apresentada auxiliaram as alunas a desmistificar tabus e mitos, tirar dúvidas, possibilitar o resgate da autoestima, o conhecimento do próprio corpo e a reflexão da vida sexual consciente. Sendo assim, confirmou-se a relevância da intervenção psicoeducadora com o grupo em questão.

Artigo recebido em: 28.11.18

Aprovado para publicação em: 01.06.19

Falar sobre questões referentes à educação sexual e discutir características de um campo de extrema importância para o desenvolvimento sadio de jovens nos direciona a um universo de relevância histórica, cultural e social, presente em todas as etapas de evolução da humanidade. Atualmente, a eminente necessidade de orientação se manifesta no aumento da ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) entre jovens, no crescente debate acerca de questões de orientação sexual, gênero e feminismo, e na falta de informações sobre as consequências da gravidez precoce.

Há alguns anos as instituições sociais responsáveis pela formação do indivíduo – como a escola, por exemplo – desconsideravam os fatores de riscos e os contextos emocionais dos adolescentes ao tratar da sexualidade, apesar de apresentarem ensinamentos relacionados aos aspectos biológicos do ser humano.

Os primeiros trabalhos de educação sexual eram voltados basicamente para o prisma biológico. Tanto que a aula de ciências, tranquilamente, “dava conta” do que se acreditava ser um trabalho de educação sexual (RIBEIRO, 1990).

No âmbito familiar, o tema foi e ainda é tratado como tabu, ideológica e culturalmente direcionado ao machismo; e a relação sexual guiada pelos princípios religiosos, ao conservadorismo e à repressão. Sousa, Pinto e Barroso (2006) argumentam que uma abertura para discutir questões sobre sexualidade no ambiente familiar poderia ser uma intervenção importante para que diminuam dados errôneos. Por consequência desses fatores e por não poderem recorrer a um ambiente seguro, muitos jovens se veem obrigados a adquirir in-

formações com amigos ou colegas próximos que estão passando pela mesma fase de desenvolvimento e, contribuindo para a reafirmação de mitos e tabus (ZAGONEL, 1999).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (HWO, 2007, apud. TAVARES e Cols, 2017):

Sexualidade é um aspecto central do ser humano durante toda a sua vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. (...) A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.

A adolescência é um período marcado por experiências de descobertas em inúmeros sentidos, e também em relação à sexualidade (troca de afetos, beijos, namoro, relação sexual). O estágio da adolescência é definido por Papalia (2006) como um longo período de transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta, envolvendo grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais que se inter-relacionam, sendo que seu início é considerado na puberdade, processo que conduz à maturidade sexual.

Segundo Freud (1901) a sexualidade tem seu início na infância e, na fase da puberdade há o despertar da pulsão sexual, onde o adolescente volta a expressá-la. Afirmar ser importante o estudo da sexualidade, visto que os fenômenos sexuais temidos pela educação, devido à moralidade, são aqueles que esclarecem a configuração originária da pulsão sexual. Em outras palavras, falar sobre o tema, principalmente com adolescentes, é uma forma de promoção de saúde, visto que, nesta fase, este público está passando novamente pelas pulsões sexuais, cheios de dúvidas nas escolhas sobre como expressar sua sexualidade, como lidar com suas vontades e o que é imposto pelas regras sociais.

Uma boa educação sexual formal deve estar fundamentada nos princípios de que educar cria oportunidades de reflexão e expressão de sentimentos, angústias e dúvidas, vai além de ensinar biologia e fisiologia, exige o processo de escuta ativa por parte do educador, possibilita ao aluno um papel ativo no processo de ensino e aprendizagem e transforma o educador em um criador de condições de aprendizagem, e não um simples transmissor de informação (FIGUEIRÓ, 2006).

Para tanto, é preciso respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, desde que não viole ou interfira na dignidade do outro, além de questionar os padrões estabelecidos para homens e mulheres e combater essas relações autoritárias são temas presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997 apud DINIS e LUZ, 2007).

Diante destes contextos, confirma-se indispensável a intervenção psicoeducadora a fim de oferecer práticas preventivas, orientar, informar, desmistificar e levar à reflexão os temas relacionados à sexualidade humana de forma global, através da proposição de um espaço de escuta, diálogo e favorecimento de uma vida sexual ativa segura e consciente.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de caráter qualitativo e descritivo foi desenvolvida no Colégio Estadual Manoel Moreira Penna (Colégio Agrícola) localizado na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, de agosto a novembro de 2017 com adolescentes do sexo feminino entre 14 e 17 anos e que residem no colégio sob regime de internato. A quan-

tidade da amostra variou de acordo com a disponibilidade das alunas, resultando em uma média de 10 adolescentes por dia.

Foram realizados 8 encontros com duração de 2 h a 2h30, com temas pré-definidos e estruturados de acordo com os objetivos do projeto. Para a coleta de dados e validação do pré-planejamento foi realizada uma entrevista com o diretor da escola e uma caixa de dúvidas direcionada às adolescentes. No decorrer dos encontros utilizaram-se estratégias de intervenção como: rodas de conversa, dinâmicas de grupo, música, apresentação de imagens, vídeos, entre outros instrumentos referentes ao tema (protótipos do corpo humano e métodos contraceptivos), apresentados de forma lúdica e promovendo a participação ativa das adolescentes.

Durante os encontros foram trabalhados os seguintes temas: questões biológicas do corpo feminino (autopercepção, puberdade, relação sexual, atração física, exame preventivo e ginecologia); métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e suas consequências e DSTs; indivíduos LGBT (identidade de gênero e orientação sexual); empoderamento feminino (tipos de violências e como identificá-las, machismo, acesso aos direitos e como conseguir ajuda, autoestima e independência) e valores construtivos sobre sexualidade (identidade, autocuidado, responsabilidade, valores da instituição). Tais temas foram selecionados para que as participantes refletissem e adquirissem competências relacionadas à vivência da sexualidade humana além dos princípios biológicos.

No primeiro encontro foi apresentado o projeto e o cronograma de atividades à 35 alunas de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, com o objetivo de estabelecer o vínculo inicial e criar *rapport* com o grupo. Em seguida, foi realizada uma dinâmica em que cada participante poderia escrever, anonimamente, perguntas, dúvidas ou comentários relacionados ao tema e colocar em uma urna posicionada no centro da sala. A urna orientou e compôs a programação de temas e atividades de cada encontro.

No segundo encontro, os assuntos discutidos foram: conceito de sexualidade, dimensão biológica (autopercepção do corpo, puberdade, estrutura e funcionamento, corpo masculino e feminino, atração física), menstruação, gravidez, primeira relação sexual e ginecologia (exame preventivo). Foi realizado o *quiz* “Mitos sobre sexualidade”, instrumentalização dos órgãos sexuais feminino e masculino através do uso de protótipos desmontáveis, a fim de acessar o nível de informação do grupo e orientar sobre o desenvolvimento corporal e psíquico na fase da puberdade.

No terceiro encontro, 15 alunas participaram do encontro sobre métodos contraceptivos (preservativos masculino e feminino, pílula anticoncepcional, DIU, tabelinha, e pílula do dia seguinte), gravidez na adolescência e suas consequências, e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Foram apresentados alguns métodos contraceptivos por imagem e instrumentalização; e a eficácia e porcentagem de erro de cada um, com objetivo de orientar e informar sobre seu uso correto e a importância do acompanhamento médico. O tema da gravidez precoce foi trabalhado com a Dinâmica do Balão, com o intuito de propor reflexão sobre o tema. O assunto das DST foi exposto teoricamente e, posteriormente, desenvolvido com uma atividade prática em forma de *quiz*.

O tema do quarto encontro foi universo LGBT: Orientação sexual, identidades de gênero, preconceito e estereótipos. Foi abordado o significado da sigla, as diferenças entre alguns conceitos que abrangem o assunto e questões relacionadas à identidade de gênero (cis e transgênero); ao final houve discussão sobre a visão estigmatizada da sociedade sobre este público. O objetivo foi de educar e promover reflexão sobre diversidade, *bullying*, discriminação e tirar possíveis dúvidas.

O quinto encontro ocorreu com 13 adolescentes e o tema trabalhado foi de Empoderamento feminino (tipos de violências e como identificá-las, machismo, acesso aos direitos e como conseguir ajuda, autoestima e independência). Com a utilização de materiais audiovisuais (música e clipe) foi possível ilustrar as situações de violência vivenciadas por mulheres, seguido por debate e reflexão. Foram discutidos outros temas relacionados: a manutenção do ciclo de violência, sociedade cultural e historicamente machista, vulnerabilidade emocional, dependência financeira e informações sobre o Centro de Referência à Mulher em Situação de Violência (CRAM) na cidade de Foz do Iguaçu.

A dinâmica seguinte (Dinâmica do Espelho) abordou a autoestima feminina, com o intuito de apresentar um fator de proteção contra a violência e a vulnerabilidade. Para encerrar, a dinâmica do Jardim Encantado foi realizada com o objetivo de fortalecimento da empatia e sonoridade entre as adolescentes.

O tema trabalhado no sexto encontro foi o de valores construtivos sobre sexualidade (identidade, responsabilidade, valores institucionais), realizado com nove alunas. Foi proposto que pensassem quais são os três valores que consideravam imprescindíveis em suas vidas. As facilitadoras levaram o grupo a refletir sobre as regras da escola e quais os valores presentes por trás destas regras.

O sétimo encontro foi utilizado para que as adolescentes pudessem sanar possíveis dúvidas sobre os temas trabalhados anteriormente, através de uma roda de conversa. Apenas 6 alunas participaram neste dia.

O oitavo e último encontro teve como objetivo obter e oferecer *feedback* às alunas sobre o que foi apresentado e aprendido anteriormente. Foi realizada uma confraternização para encerramento das atividades.

O produto final, além das oficinas oferecidas às alunas, se configurou na organização de um manual de orientação em sexualidade para auxiliar os profissionais da educação, contendo sugestões de temas, dinâmicas e atividades a serem trabalhadas com adolescentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos primeiros encontros poucas adolescentes participaram ativamente. Algumas apresentaram comportamentos de timidez e vergonha e outras demonstraram que seu entendimento de sexualidade se resume à relação sexual.

Com o fortalecimento do vínculo, observou-se mais claramente as dúvidas das adolescentes, houve maior interação entre elas e demonstraram maior abertura e menos vergonha para participar das atividades.

Foram observados comportamentos de insegurança nas respostas do *quiz*, tanto o que abordava Mitos sobre Sexualidade, quanto o de DSTs. Na questão “*Usar duas camisinhas ao mesmo tempo protege mais?*”, três meninas responderam “*Na dúvida, sim*”. Na questão “*Precisa usar camisinha no sexo oral?*” uma respondeu: “*Não, pois não há como engravidar pela boca*”, desconsiderando a possibilidade de transmissão de doenças.

Percebeu-se a falta de preocupação em adquirir uma DST durante a relação sexual. Sete meninas demonstraram desconhecimento sobre o exame específico para detectar o vírus HIV. Uma afirmou: “*Eu achava que era possível saber só fazendo exame de sangue comum*”, cinco adolescentes concordaram em seguida. “Em geral, os jovens preocupam-se pouco com DST/AIDS, pois afastam de si a possibilidade de se contaminarem com essas infecções/doenças” (BESERRA *et. al.*, 2008).

Foi observado que o grupo esperava que uma tomasse a atitude de responder primeiro às questões. A insegurança e influência recíproca das respostas entre as adolescentes confirmam o “*efeito dominó*” de informações equivocadas passadas umas às outras.

O desconhecimento ou distorção de informações sobre relação sexual e métodos de proteção podem sofrer influência de diversos fatores e, para mudar este cenário é imprescindível que a orientação sexual seja voltada para o desenvolvimento de autonomia e responsabilidade do adolescente. Para Agletton (1999, apud. VIEIRA et al, 2001),

É preciso observar os princípios dos direitos sociais dos adolescentes, no que se refere a um conhecimento que conduza à ação e que implique o desenvolvimento de habilidades, para fins de proteção.

Embora as adolescentes possuíssem algum nível de conhecimento sobre quais são os métodos contraceptivos mais comuns, não ficou claro se realmente sabiam a diferença entre eles, como funcionam e quando são indicados. O preservativo masculino é o mais conhecido entre elas, porém apresentaram dúvidas na forma correta de colocá-lo e quando utilizá-lo (*“Por que tem que usar camisinha no sexo oral?”*). A maioria conhecia quase todos os métodos.

Segundo Boruchovitch (apud CAMARGO e FERRARI, 2009), “os adolescentes são mal informados sobre métodos contraceptivos, mas a maioria deles pode identificar pelo menos um deles.”

Um ponto importante mencionado pelas adolescentes é o preconceito que as meninas sofrem em caso de gravidez na adolescência. Segundo elas, a responsabilidade é do casal e não só da menina, mas elas é que são por ter engravidado cedo. Uma das alunas afirmou *“Muitas meninas não usam camisinha com o parceiro por medo de perder o seu amor”*. Camargo e Ferrari (2009) afirmam:

As imbricadas relações de gênero fazem das meninas um grupo socialmente mais vulnerável do que os meninos, pois ainda sentem-se incapazes de negociar o uso do preservativo nas práticas sexuais, principalmente por influência do namorado, por ter confiança no parceiro, impulso, pressa e imprevisibilidade do ato sexual, restando pouca alternativa para elas se prevenirem contra a gravidez, DST e AIDS.

Em alguns momentos, as participantes demonstraram incômodo e resistência, por exemplo, na discussão referente aos fatores de preconceito contra LGBT podem estar associados a questões históricas, culturais e religiosas.

Há falta de reflexão sobre gêneros e sexualidades nas escolas, para além do binarismo (homem/mulher) e da heteronormatividade, o que favorece que a homofobia se manifeste, muitas vezes, indiretamente (FILHO et al., 2011).

Em contrapartida, manifestaram assertividade quando questionadas a respeito dos tipos de violência: física, sexual e psicológica. Pode-se perceber expressões de identificação e empatia com o que foi exposto. Sete meninas afirmaram conhecer mulheres que passaram por esta situação e duas adolescentes relataram vivências de violência doméstica em suas famílias nucleares. Além disso, foi possível observar sentimentos de frustração, raiva e comoção diante dos relatos das colegas, refletidos nos questionamentos: *“Como um homem tem coragem de fazer isso?”*; *“Não dá pra entender como alguém vive assim.”*; *“Eu jamais deixaria um homem fazer isso comigo!”*.

Na atividade sobre autoestima, notou-se que as alunas se emocionaram, choraram, se abraçaram ou sentiram muita dificuldade para falar sobre elas mesmas, porém não ofereceram resistência. Foram observados

comentários como: “*Eu vejo uma pessoa frágil, que guarda tudo para si porque não quer que os outros sintam pena. Em relação à autoestima, é baixa. Muito baixa.*”; “*É difícil não seguir um padrão de beleza quando tudo que você vive é referente a isso.*”

Foi estabelecida uma troca de reflexões e expressões de sentimentos a partir da pergunta “*Como vocês estão se sentindo após realizarem esta atividade?*” feita por uma das mediadoras. As alunas se mostraram dispostas, felizes, sensibilizadas e expressaram comportamentos de apoio e compreensão com as colegas ao participarem dessas atividades.

Ao falar sobre valores construtivos a respeito da sexualidade, o grupo se mostrou motivado e manifestou inquietação, todas falavam ao mesmo tempo e disputavam a atenção das facilitadoras. A discussão sobre os valores por trás das regras da escola suscitou comentários como: “*Não podemos nem falar com os meninos, que já pensam que a gente tá ficando [sic] com eles*”; “*Não pode namorar dentro da escola pra gente não correr o risco de engravidar.*” e “*Nós, meninas, não podemos usar nenhum short ou bermuda acima do joelho, mas os meninos podem jogar futebol sem camisa e isso é muito injusto.*”

É importante destacar que o grupo, apesar de frustrado com as diferenças de tratamento entre os gêneros, se mostrou compreensível com as regras da instituição e conseguiu reconhecer valores como “responsabilidade”, “respeito” e “comprometimento” como embasamento das mesmas. A escola é vista pelas alunas como um local onde é necessário ter limites e regras, para colocar ordem. Altman (2001) explica que,

A sexualidade é, portanto, uma via de acesso tanto de aspectos privados quanto públicos, ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se completam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber. E a escola é uma das instituições onde se instalam mecanismos do dispositivo da sexualidade, há de se questionar como isso ocorre.

No momento do *feedback* de encerramento, todas afirmaram que as atividades foram muito importantes e construtivas e que tiveram a oportunidade de refletir e conversar sobre assuntos que não abrem para outras pessoas. A maioria mencionou o encontro de “Empoderamento feminino” como o preferido, especialmente por trabalhar a autoestima. Uma das alunas disse que as atividades superaram suas expectativas, pois achava que daríamos “*palestras chatas*” ou que elas fossem obrigadas a falar o que não queriam, o restante do grupo concordou com a fala da colega. Pode-se observar que houve o estabelecimento de um vínculo forte e saudável entre as facilitadoras e o grupo.

De acordo com a análise dos relatos das adolescentes foi possível perceber que o tema sexualidade não é um *tabu* para a maioria delas, contudo, é visto com alguns mitos, crenças e visões distorcidas, influenciadas pelas perspectivas culturais, sociais e por aspectos próprios da adolescência. Este fato chamou atenção das facilitadoras, pois havia expectativa de que as alunas se mostrassem conservadoras e resistentes à sexualidade.

Em geral, as adolescentes participaram ativamente, desenvolveram autonomia e segurança e manifestaram postura de respeito enquanto alguém se posicionava ou expressava seus sentimentos no grupo. O acolhimento se apresentou genuíno, além de seguirem as regras estabelecidas, como por exemplo, o sigilo.

Os temas despertaram interesse na amostra, contribuindo de maneira teórica e prática com o desenvolvimento da fase em que se encontram. O vínculo e a confiança construídos beneficiaram nos momentos de exposição e abertura por parte das adolescentes, facilitando o processo de troca, além de ressignificar situações e conceitos apresentados. Observou-se claramente a evolução do conhecimento adquirido desde o primeiro ao último encontro.

O maior problema da educação em sexualidade continua sendo a ausência da abordagem do tema de maneira multidimensional, considerando o contexto psicológico e social dos envolvidos além dos aspectos biológicos dos seres humanos.

Sugere-se que atividades como estas sejam multiplicadas no contexto escolar, em vista do benefício possibilitado pelas informações oferecidas e aprendizagem biopsicossocial. Os educadores carecem de capacitação e tempo para orientar sobre o tema, superando suas próprias resistências e conservadorismo, utilizando de estratégias e metodologias criativas que promovam participação autônoma e ativa dos alunos. Para tanto, as atividades e dinâmicas utilizadas pelas facilitadoras foram reunidas em um manual de psicoeducação em sexualidade, contendo dicas e informações relevantes para replicar este trabalho.

## CONCLUSÃO

A tarefa de apresentar o tema da sexualidade a adolescentes em contexto escolar deve ser realizada como um aspecto natural da vida e não como algo que assusta ou envergonha. O resultado da pesquisa ressalta a importância de pensar a escola como um ambiente de troca entre educadores e educandos, no qual a experiência de estar em grupo pode ser utilizada como uma ferramenta de autoconhecimento, de identificação entre os pares, de autoidentificação, de desenvolvimento de autonomia e responsabilidade.

A partir deste estudo é possível perceber que os adolescentes precisam de espaços de acolhimento, onde possam se posicionar, expor suas angústias, dúvidas e se sentirem ouvidos genuinamente. Desta maneira, se fortalecem, se sentem seguros, fazem reflexões conjuntas e descobrem meios de solucionar os problemas próprios do adolecer. O ambiente escolar é propício para isso, visto que a convivência grupal proporciona um espaço democrático, no qual pode-se falar sobre sexualidade sem julgamentos, com acolhimento e compreensão, e onde os alunos terão um embasamento seguro.

De acordo com a análise dos resultados, constata-se que, a psicoeducação em sexualidade pode auxiliar as adolescentes do Colégio Agrícola desenvolvendo autonomia, habilidades, inteligência emocional e os valores necessários para viverem sua sexualidade com responsabilidade, alcançando-se assim os objetivos propostos.

Portanto, é necessário proporcionar aos educandos momentos de integração com os professores e colegas, para que a partir do conhecimento das vulnerabilidades dos outros, possam partilhar sentimentos, descobrir as próprias potencialidades. Neste sentido, a Psicologia contribui para promover os direitos humanos e uma educação em saúde de qualidade, que estimula a transformação do ser humano a partir de suas próprias forças.

## REFERÊNCIAS

- ALTMAN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, SC, 2001.
- CAMARGO, E.Á.I.; FERRARI, R.A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3, 2009.
- DIEHL, A.; VIEIRA, D.L. Sexualidade: do prazer ao sofrer. **Grupo Gen-Editora Roca**, 2000.

- DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007.
- FEIJÓ, R.B.; OLIVEIRA, E.A.D. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de pediatria**. Porto Alegre. v. 77, n. 2, 2001.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis-SC, v. 7, n. 1, 2006.
- FREUD, Sigmund. S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Freud, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 7, 1901.
- MAROLA, C.G.; SANCHES, C.S.; CARDOSO, L.M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicol. Educ.**, São Paulo, nº 33, dez. de 2011.
- PABLO, C.; SOARES, C. As disfunções sexuais femininas. **Rev. Port. Clin. Geral**, v. 20, n. 3, 2004.
- PAPALIA, E. D.; FELDMAN, D. R. Desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência. In: PAPALIA, E. D.; FELDMAN, D. R. **Desenvolvimento Humano**. AMGH, 2013.
- PEREIRA, C. de P. A sexualidade na adolescência: os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes. **ENSP – Dissertações de Mestrado**, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4964/2/633.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. de 2017.
- RAMIRO, L. et al. Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. **Rev. Port. Saúde Pública**, Portugal, 2011.
- RIBEIRO, M. Educação sexual. **Além da informação**. São Paulo, p. 62, 1990.
- SOARES, I. R. P.; PINTO, L. H. Sexualidade no Contexto Escolar: uma intervenção psicoeducativa. **Unifra**, Santa Maria, RS, 2010.
- SOUSA, L.; FERNANDES, J.; BARROSO, M. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paul Enferm.**, v. 19, 2006.
- TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A.; BESSA, J. C. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, 2011.
- VIEIRA, N.; PAIVA, T.; SHERLOCK, M. **Sexualidade, DST/AIDS e Adolescência**: não quero falar, tenho vergonha. Disponível em: <<http://www.dst.uff.br//revista13-4-2001/c5.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. de 2017.
- ZAGONEL, I. P. S. O ser adolescente gestante em transição: sob a ótica da enfermagem. **Editora Universitária**, Pelotas, 1999.

